

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITORIAL

Com o presente número, a CANINDÉ completa sua terceira edição anual, sempre procurando atingir um bom nível de qualidade e divulgar na comunidade arqueológica os mais recentes trabalhos produzidos por alguns de seus membros. Continuamos com a política aberta, de não receber apenas contribuições de pesquisadores com alguma ligação com o MAX. Aliás, este número contempla artigos de diversos pesquisadores, ampliando, assim uma integração institucional e abrindo um canal com arqueólogos estrangeiros, do México e da Argentina.

Como já foi bastante divulgado no último Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, através do folder específico, os dois primeiros números da revista se encontram integralmente disponibilizados na Internet, na página do Museu, e a esses logo se seguirá o presente, de forma a possibilitar um amplo acesso à produção aqui veiculada.

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves de Souza	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tânia Andrade Lima	M.N/UF RJ

Pede-se permuta
Ou demande l'échange
We ask for exchange
Pede-se canje
Si richiede lo scambo
Mann bitted um austausch

Home Page: www.museuxingo.com.br

E-mail: paxingo@se.ufs.br

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

Editorial	3
- INSTRUMENTOS LÍTICOS UNIFACIAIS DA TRANSIÇÃO PLEISTOCENO-Holoceno NO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL: INDIVIDUALIDADE E ESPECIFICIDADE DOS OBJETOS TÉCNICOS	9
EMÍLIO FOGAÇA	
- HUELLAS DE ALTERACIONES CULTURALES EN EL HOMBRE PREHISPANICO	37
JOSEFINA BAUTISTA MARTÍNEZ	
- A TRAJETÓRIA HUMANA.	59
FABRÍZIO D' AYALA VALVA, JOSÉ ALEXANDRE FELIZOLA DINIZ-FILHO	
- ALFARERÍAS PREHISPÁNICAS DE LAS SOCIEDADES SURANDINAS DE JUJUY (NOROESTE DE ARGENTINA)	85
MARÍA BEATRIZ CREMONTE	
- RITUAIS FUNERÁRIOS E PROCESSOS CULTURAIS: OS CAÇADORES-COLETORES E HORTICULTORES PRÉ-HISTÓRICOS DO NOROESTE DE MINAS GERAIS	105
GLAUCIA MALERBA SENE	
- ESTUDO PALINOLÓGICO EM UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA UHE GUAPORÉ/MT	135
MATHEUS DE SOUZA LIMA RIBEIRO, MAIRA BARBERI	
- CAPTAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS E INDÚSTRIA LÍTICA DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO - SÃO PAULO	151
SUZANA CESAR GOUVEIA FERNANDES	
- O CANGAÇO ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA	165
ANTÔNIO FERNANDO DE ARAÚJO SÁ	

- ARTUR RAMOS: ENTRE RENDAS DE BILRO E O SERTÃO DO SÃO FRANCISCO 191
BEATRIZ GÓIS DANTAS

- AVALIAÇÃO DE ÁREAS POTENCIAIS À PRESENÇA DE SAMBAQUIS NA COSTA DO ESTADO DE SERGIPE UTILIZANDO COMO PONTO DE PARTIDA UMA COMPREENSÃO DA EVOLUÇÃO DA ZONA COSTEIRA NOS ÚLTIMOS 5.600 ANOS A. P 223
SUELY AMÂNCIO, JOSÉ MARIA LANDIM DOMINGUEZ

- A ETNOHISTÓRIA COMO ARCABOUÇO CONTEXTUAL PARA AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA ZONA DA MATA MINEIRA 245
ANA PAULA DE PAULA LOURES DE OLIVEIRA

- DOCUMENTAÇÃO CERÂMICA CONTEXTUALIZADA E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO NOS SEPULTAMENTOS PRIMÁRIOS DO SÍTIO DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO 275
MÁRCIA ANGELINA ALVES

NOTAS E RESENHAS

- NOTA PRÉVIA SOBRE TRAÇOS DE DESARTICULAÇÃO E DESCARNAMENTO EM UM ESQUELETO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FUNDA DO ESTRAGO, BREJO DA MADRE DE DEUS, PERNAMBUCO 293
OLÍVIA ALEXANDRE DE CARVALHO, SHEILA MENDONÇA DE SOUZA
ALBÉRICO NOGUEIRA DE QUEIROZ, ARDILLES FÉLIX DA SILVA
MÁRIA APARECIDA DE MENEZES ALVES, MÁRIA ISABEL CHAVES SILVA

- A COLEÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ 299
VERÔNICA NUNES

- EXPOSIÇÃO ITINERANTE: XINGÓ, 9.000 ANOS DE OCUPAÇÃO HUMANA 309
ALMIR SOUZA VIEIRA JÚNIOR

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES 315

ARTIGOS

ARTUR RAMOS: ENTRE RENDAS DE BILRO E O SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

BEATRIZ GÓIS DANTAS*

ABSTRACT

Artur Ramos, whose birthday century is celebrated this year, was an anthropologist who was nationally and internationally known during the 30's and 40's. This essay tries to understand how a famous author, renowned on the field of Afro-Brazilian studies, elects a new study purpose and, with his wife, builds a monography about bobbin lace, one of the brazilian handicrafts expressions which is strongly present at São Francisco's River dale. Not only the biographical influences are analyzed on the selection of the theme but also the social webs that support the data gathering and objects that belongs to Luiza Ramos Collection, as well as the methodology and theoretic orientation that transformed a collection firstly made with esthetic purpose into an ethnographic one which supports his written work *As Rendas de Bilro e sua Aculturação no Brasil* (Ramos, 1948).

Palavras chave: Cultura material, artesanato, rendas de bilro, Artur Ramos, Rio São Francisco.

*Antropóloga e Professora Emérita da UFS - Rua Maruim, 983. CEP 49 010120 – Aracaju SE

ROTAS E ROTEIRO

Na história da Antropologia no Brasil, Artur Ramos (1903-1949) figura entre os chamados “heróis fundadores”, termo com que se costuma designar os que desempenharam importante papel na constituição do campo disciplinar e sua institucionalização.

Artur Ramos foi, no seu tempo, um dos antropólogos brasileiros de maior reconhecimento no seu país e no exterior. Apesar da sua curta existência, deixou numerosa produção intelectual que se estende por diferentes campos do conhecimento como Psicologia Social, Psiquiatria, Educação, Folclore e, sobretudo, Antropologia, num tempo em que estavam imbricadas formas de conhecimento que se distinguiam gradativamente.

No ensejo do centenário do seu nascimento, o objetivo deste trabalho é entender como um autor já consagrado em diversos campos do saber, notadamente no afro-brasileiro, elege um novo objeto de estudo e, em parceria com sua esposa, constrói uma monografia sobre as rendas de bilro, obra pouco conhecida, mas que se constitui numa referência básica para os estudiosos do artesanato no Brasil. De permeio, procuro recuperar suas informações sobre a região sanfranciscana na segunda década do século XX e os primeiros registros etnográficos sobre a renda de bilro produzida em Sergipe.

Foi a partir de uma pesquisa sobre artesanato no sertão do São Francisco (Dantas, 2000, 2003; Santos, 2000), realizada no âmbito do Instituto Xingó, através do seu Centro de Documentação e Pesquisa (CENDOP), que “descobri” o livro *A Renda de Bilro e sua Aculturação no Brasil - Nota preliminar e roteiro de pesquisas*, da autoria de Luiza e Artur Ramos. Veio a público em 1948, numa edição da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, constituindo a publicação nº 4 da referida entidade, criada por Artur Ramos e sediada no Rio de Janeiro.

Para analisá-lo, tomo como ponto de partida e inspiração uma idéia partilhada por muitos antropólogos e bem resumida por Mariza Peirano, ao afirmar que:

“Na antropologia a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia local da pesquisa” (PEIRANO, 1995, p.45).

Meu propósito é, através do fio das rendas, focar a figura de Artur Ramos, homem inserido na problemática do seu tempo e integrado em amplas redes de relações sociais tecidas ao longo de uma curta existência intensamente vivida e desdobrada nas múltiplas experiências de médico, psiquiatra, professor, folclorista, escritor e antropólogo¹.

BREVE BIOGRAFIA



Figura 1: Artur Ramos, 1903-1949

Fonte: Relembrando Artur Ramos. Sapucaia, 2003.
(Acervo da Fundação Artur Ramos, Maceió)

Nascido em Pilar, Alagoas, em 7 de julho de 1903, Artur de Araújo Pereira Ramos formou-se em Medicina em Salvador, aí iniciando sua vida profissional como médico no Hospital São João de Deus e legista do Instituto Nina Rodrigues, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde

¹ A elaboração deste trabalho baseia-se apenas em fontes bibliográficas. Não foram consultados os arquivos de Artur Ramos espalhados em diversos locais, os quais certamente lançarão mais luz sobre questões aqui tratadas.

se tornou professor de Psicologia Social da recém-criada Universidade do Distrito Federal. A convite de Anísio Teixeira, integrou-se a projetos educacionais, fundando e chefiando o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, e, nessa perspectiva, associava a instalação desses serviços nas escolas cariocas à pesquisa nos “morros, nas macumbas, e nos centros de feitiçaria” e os apresentava como “trabalho de largo alcance higiênico e educacional” (RAMOS, 1951, p. 27) procurando, através da ciência, orientar a ação do Estado para solucionar os males do Brasil.

Seus importantes trabalhos de cunho antropológico e as boas relações tecidas no Rio de Janeiro fizeram com que se transformasse em professor de Antropologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, posteriormente Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, da qual se tornou catedrático por concurso em 1946. Desempenhou, desse modo, papel significativo no processo de institucionalização e difusão desse campo de saber, não só através do ensino, mas também da criação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (1942), entidade que se manteve atuante no Rio de Janeiro por oito anos promovendo reuniões e publicações (AZEREDO, 1986) e, sobretudo, através da sua imensa obra.

Seu campo de interesse foi muito vasto, tendo se ocupado da criança, das minorias étnicas, do alienado, do neurótico, do folclore entre outros objetos de estudo. Seus primeiros livros dão bem uma idéia da abrangência da sua temática e de sua orientação teórica inicial: *Freud, Adler, Jung* (1933); *Psiquiatria e Psicanálise* (1933); *Educação e Psicanálise* (1934); *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934); *O Folclore Negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1935); *Introdução à Psicologia Social* (1936) e *Loucura e Crime* (1937).

Tendo elegido o negro como um dos temas preferenciais de suas pesquisas, publicou sobre o assunto, além dos dois livros já citados e de muitos artigos em revistas nacionais e estrangeiras, obras que o consagram como um grande africanista: *As Culturas Negras no Novo Mundo* (1937); *The Negro in Brazil* (editado em Washington em 1939, posteriormente teve edição brasileira sob o título *O Negro na Civilização Brasileira*); *Aculturação Negra no Brasil* (1942) e *Guerra e Relações de Raça* (1943). O seu trabalho *Introdução à Antropologia Brasileira* (1943 e 1947), dois grossos volumes que tratam da trilogia étnica – o índio, o negro e o europeu e as questões de mestiçagem e aculturação no Brasil –, tornou-se obra clássica, uma espécie de compêndio adotado nas Faculdades de Filo-

sofia, mas cujo prestígio arrefece à medida que novas orientações teóricas se firmam nas Universidades, desbancando o culturalismo.

Trabalhando numa época em que a idéia de raça como esquema interpretativo do desenvolvimento dos povos, se não fora de todo esconjurada pela ciência, cedia cada vez mais lugar à cultura, Artur Ramos fez desta o seu interesse maior na busca do entendimento do negro no Brasil e nas Américas. Fez uso de diversas abordagens teóricas, aplicando, por exemplo, a Psicanálise ao estudo das religiões afro-brasileiras e do folclore, ou seriando formas culturais como os evolucionistas. Mas foi o culturalismo a sua referência mais forte. Inicialmente na vertente alemã e mais tarde na norte-americana, esse foi um traço marcante na obra de Artur Ramos relacionada com o negro, na qual sobressaem duas preocupações: a busca das sobrevivências culturais e as formas de assimilação política e ideológica desse elemento na sociedade brasileira. O enfoque privilegiado era a cultura, o que o fez afinado com a Antropologia Cultural norte-americana, sobretudo após a viagem que realizou aos Estados Unidos no início da década de 40, onde se demorou alguns meses ministrando palestras em várias universidades.

Alguns dos seus livros tiveram tradução em inglês, francês, espanhol, alemão, tcheco e, em 1949, reverenciado pela ciência do seu tempo, foi dirigir o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, mudando-se para Paris, onde morreu subitamente, em 31 de outubro de 1949, após três meses de trabalho na capital francesa, depois de ter elaborado o plano de atuação a ser desenvolvido pelo órgão.

Com as novas questões que se colocavam sobre a população negra no Brasil, sobretudo a partir dos anos cinqüenta, privilegiando abordagens direcionadas para uma perspectiva estrutural, a obra de Artur Ramos perdeu nas universidades a visibilidade e parte do prestígio que o credenciaram como um dos grandes e mais produtivos antropólogos brasileiros do século passado.

As 432 obras elencadas em seu currículo de 1945 (trabalhará ainda por mais quatro anos) dão bem a dimensão da sua operosidade e justificam a avaliação de Otávio da Costa Eduardo, antropólogo seu contemporâneo, segundo o qual: “todos os seus trabalhos mostram que ele lia e estudava como poucos talvez o terão feito entre nós”(EDUARDO, 1950, p. 450). Lia, estudava e escrevia sobre muitos temas. Um deles foi a renda de bilro, tema específico ora em destaque.

AS RENDAS DE BILRO NA VIDA DE ARTUR RAMOS.

Lembranças de infância

As rendas estavam entranhadas na vida do antropólogo. Sua familiaridade com estas remonta à sua infância vivida em Alagoas, mais exatamente na cidade de Pilar, sua terra de origem, não só pela presença muito forte das rendeiras na região, mas também devido ao envolvimento de sua família com rendas e bordados. No prefácio do livro, registra essa influência no seu trabalho fazendo uma referência especial aos seus pais:

“Ainda conservo nos meus ouvidos a música dos bilros movidos pelas mãos peritas de minha mãe, filha de engenho das várzeas alagoanas. Meu pai fez uma tentativa – e creio que a primeira no Brasil – de transportar para o tear mecânico a arte das bordadeiras e rendeiras da sua terra, com a Fábrica de Rendas e Bordados, de Pilar, Alagoas, onde também trabalharam meus irmãos, e em cujos meandros complicados passeava outrora a minha curiosidade de menino” (RAMOS, 1948, p.6).

Dessa fábrica, que figura entre as lembranças de infância do autor, segundo Marilu Gusmão – uma das suas biógrafas, que entrevistou familiares e pessoas que privaram da convivência de Artur Ramos – era que o médico Manuel Ramos de Araújo Pereira retirava o sustento da numerosa prole (GUSMÃO, 1974, p. 21).

Esse empreendimento somava-se a muitos outros levados a cabo na região onde, desde fins do século XIX e início do XX, se abrigavam várias fábricas de tecidos e, um pouco mais tarde, também de linhas, matéria-prima da renda. A saga de Delmiro Gouveia (1863-1917), o arrojado industrial que conseguiu transformar a força de quedas d'águas do rio São Francisco em energia para movimentar suas fábricas, é bem o exemplo do surto de industrialização local vivido à época. Dentre as fábricas, merecem destaque a da Pedra e a Estrela, esta instalada em 1914 e especializada na fabricação de linhas (LAGE, 1981).

Ao implantar, no Nordeste brasileiro, experiências levadas a efeito na Inglaterra já no século XVIII, quando se iniciaram as tentativas de fabrico das rendas em máquinas (BECKER, 1955, p.182), o pai de Artur Ramos, homem culto e ilustrado, contribuiu para a modernização da região e se antecipou às experiências que mais tarde se implantariam em Petrópolis

para o fabrico de rendas industrializadas (FLEURY, 2002, p.50). Mas, se no Sudeste tiveram continuidade as tentativas de fabricação das rendas em máquinas, no Nordeste a fábrica do pai de Artur Ramos fechou as portas. O motivo teria sido a dificuldade de conseguir matéria-prima: a linha vinha da Europa, e o suprimento se tornaria difícil com a eclosão da Primeira Grande Guerra (GUSMÃO, 1974, p. 21). Mas foi justamente quando se iniciou a Guerra que Delmiro Gouveia inaugurou a sua fábrica de linhas Estrela na margem alagoana do rio São Francisco, e a matéria-prima, antes importada, passou a ter suprimentos locais. Mas talvez, por outras razões, já não fosse possível manter em funcionamento a “Fábrica de Rendas e Bordados” do Dr. Manuel Ramos, que vai buscar no exercício profissional da medicina o sustento da família (GUSMÃO, 1974, p. 21).

Da fábrica restaram as lembranças de Artur Ramos e as imagens congeladas das máquinas numa foto de 1906.

A fábrica desapareceu, todavia o fabrico artesanal das rendas feitas nas rústicas almofadas das rendeiras no movimento manual dos bilros persistiu em muitos lugares, inclusive nas ribeiras do alto São Francisco,

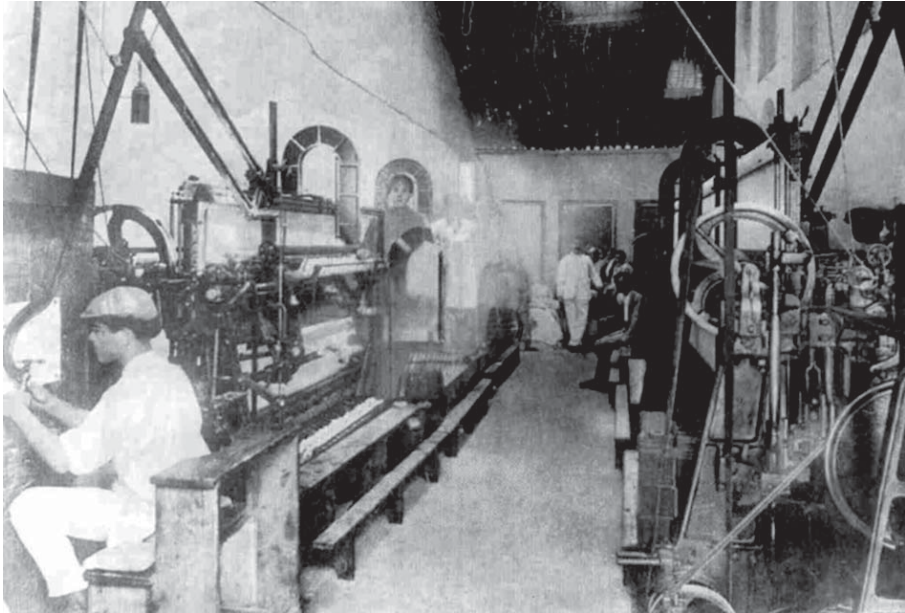


Figura 2: Fábrica de Rendas do Dr. Manuel Ramos, Pilar, Alagoas, 1906.

Fonte: Memória Cultural de Alagoas: Artur Ramos. Caderno do Jornal Gazeta de Maceió, 19.05.2000.

onde, mais uma vez, Artur Ramos se deparou com as rendas produzidas com bilros e almofadas registrando-as em sua obra.

A viagem pelo São Francisco e o reencontro com as rendas

Quando residia em Salvador, em 1929, e atuava como médico do Instituto Legal Nina Rodrigues, em companhia de um delegado viajou pelo São Francisco, no trecho entre Juazeiro e Santa Maria. Foi a bordo do *Saldanha Marinho*, uma das mais antigas *gaiolas* que navegavam pelo rio, hoje servindo como restaurante turístico na cidade de Juazeiro na Bahia (KUMMER, 2003, p. 94). Durante a longa e demorada viagem, ia registrando por escrito, dia após dia, aspectos do meio físico, do homem e da cultura sertaneja tais como se apresentavam nos pontos de parada da embarcação. No seu diário de campo, instrumento de que se servem os antropólogos, há alusões aos trabalhos das lavadeiras, dos remeiros e de suas rivalidades com os marinheiros (tripulação dos vapores), às facções políticas sempre em renhidas lutas, aos cangaceiros e aos tipos humanos diversos da região. Ouvia muitas histórias e detinha-se mais demoradamente na transcrição de quadras, cantigas de cego, lendas e elementos do cancionário popular, enfim, na literatura oral que, segundo a tradição dos norte-americanos seguidores de Boas, se constitui no campo específico do folclore. Não é sem razão que o seu artigo se intitula “Folclore do São Francisco”. Mas sua lente de observação se manteve bastante aberta para registrar também o pequeno comércio nas localidades à beira do rio e, ao enumerar os produtos, por duas vezes seu olhar se deteve sobre as rendas colocadas à venda em Casanova e Remanso. Nesta última localidade, registra Artur Ramos:

“Na margem, perto do vapor, estão alinhadas as mercadorias à espera de comprador. O mesmo espetáculo de outros pontos. E agora uma cena nova. Dezenas de vendeiras de rendas. São meninas e moçoilas que assaltam o “Saldanha Marinho”, caboclas fortes e bonitas. E expõem suas rendas, rendas de todos os feitios, numa enorme profusão. E fazem uma alarido pitoresco, com as súplicas:

– Compre moço! Compre esta renda! Pela luz dos seus olhos! Compre moço!

Não há jeito de nos furtarmos à magia daquela solicitação. Comprei algumas rendas a uma “curiboca” (mulata cor de bronze), como a chamam em Remanso” (RAMOS, 1942: 283-284).

Embora justifique a compra como resultado das artes da pequena vendedora, a aquisição das rendas mostra que suas lembranças de infância vivida nas terras alagoanas entre mulheres que batiam bilros e entre máquinas que tentavam reproduzi-las mecanicamente continuavam vivas.

Essas impressões de viagem de Artur Ramos, divulgadas num artigo publicado na Revista do Brasil (1938) e republicado com alterações no seu livro *Aculturação Negra no Brasil* (1942), são entremeadas por comentários que denunciam as precárias condições de vida na região sanfranciscana, prenúncio de suas preocupações sociais que procuravam colocar a ciência a serviço da resolução dos problemas do seu tempo.

O casamento com Luíza, a colecionadora de rendas

No Rio de Janeiro, em 1934, através de Mário de Andrade, Artur Ramos conheceu Luíza, uma paulista, criada no Rio de Janeiro, professo-



Figura 3: Luíza Ramos

Fonte: Relembrando Artur Ramos. Sapucaia, 2003
(Acervo da Fundação Artur Ramos, Maceió)

ra de piano, viúva do musicólogo e pesquisador de folclore Luciano Gallet. Uniram-se pelo casamento em 1935 e partilharam vida em comum por quase quinze anos (GUSMÃO, 1974, p. 43).

A presença de Luíza na obra de Artur Ramos tem sido um dado posto em realce por seus biógrafos (GUSMÃO, 1974; BARROS, 2000), o que não é propriamente uma novidade, uma vez que já se tem chamado a atenção para a importância das esposas dos antropólogos no exercício de suas atividades, seja em situação de pesquisa de campo, seja na redação dos trabalhos. O tema, no dizer de Mariza Corrêa, se constitui num capítulo ainda a ser escrito na história da Antropologia, embora já tenha gerado “engraçado pastiche dos inevitáveis agradecimentos às esposas nos textos antropológicos” (CORRÊA, 1988, p. 92).

No caso específico de Luíza, ela organizava os arquivos do marido, levantava bibliografia, fazia transcrições de cantos para a pauta musical, datilografava textos, enfim, desenvolvia um eficiente trabalho de suporte à atividade intelectual de Artur Ramos. Este, em vários dos seus livros, faz menção à sua contribuição caracterizando-a como “colaboradora assídua” (RAMOS, 1948, p. 4). Tornara-se secretária eficiente e prestimosa, sobretudo quando o casal dispensou os auxiliares para conter gastos e poder enviar a mesada do Dr. Manuel Ramos, que vivia em Alagoas doente e em idade avançada, sem poder clinicar (GUSMÃO, 1974). Às aulas de piano que ministrava, aliava as tarefas que subsidiavam a produção intelectual do esposo prolífico. Na biografia de Luíza também as rendas se fazem presentes. É Artur Ramos quem informa:

“Os pais de minha mulher, Dona Tereza de Araújo e Luiz Augusto de Araújo, velhos admiradores da arte italiana, nas viagens que empreendiam à Itália, em fins do século passado, costumavam trazer labores de bilros de Gênova, Rapallo e Santa Margherita, que deram às suas filhas a predileção que elas conservaram, pelas obras de gosto artístico. Alguns dos exemplares que ornaram hoje a Coleção Luíza Ramos provêm dessa fonte de tão grata significação afetiva” (RAMOS, 1948, p.5).

Luíza colecionava rendas. Era um hábito cultivado na sua família através das aquisições feitas pelos pais em viagens à Europa em fins do século XIX, despertando nela e em suas irmãs o gosto pelas rendas e o prazer de usá-las e guardá-las, bases do colecionismo.

O gosto de Luíza pelas rendas e o interesse de Artur Ramos pelos diversos aspectos da cultura, seja material ou imaterial, estão na origem do trabalho que juntos empreendem: a pesquisa, a escrita do livro e a sistematização da coleção de rendas que se amplia bastante durante o trabalho. Mas, não fora a circunstância de a titular da coleção, Dona Luíza, ser esposa do renomado antropólogo Artur Ramos, talvez as amostras de rendas tivessem o mesmo destino dos muitos guardados femininos que, reunidos pacientemente pelas suas detentoras, permanecem em gavetas e tomam rumos ignorados com a morte destas. Foi pelas artes da escrita e do ofício de antropólogo de seu marido, que os pequenos pedaços de renda de bilro ajuntados ao longo de muitos anos, transformaram-se em objeto de estudo, romperam com os limites domésticos e ganharam visibilidade através do livro *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*, da autoria de Luíza e Artur Ramos.

Nas tramas das rendas, nas teias do amor

A co-autoria no trabalho sobre as rendas expressa um momento especial da parceria numa atividade sobre a qual há interesses comuns e saberes especializados que se completam e se materializam através da presença de Luíza como autora. Neste livro, ela sai dos prefácios ou notas de rodapé onde, em geral, estão consignados os agradecimentos, para assumir autoria em pé de igualdade com o marido famoso, que cavalheirescamente lhe cede o lugar de primeiro autor.

Reportando-se ao livro em obra recente, Catherine Fleury (2002, p.167) chama atenção para a “relação amorosa” que o atravessa e constitui. Ele é fruto da paixão ao objeto – rendas de bilro – expressa por Luíza, paixão que levou seu marido, o antropólogo Artur Ramos, a envolver-se com um assunto tão marcadamente feminino.

Ao envolver-se com o tema, fez mais do que selecionar um novo objeto de estudo. Treinou sua esposa nos fazeres da pesquisa, notadamente naqueles relacionados com o levantamento sistemático e o ordenamento dos dados.

Não fora a morte prematura de Artur Ramos e talvez essa parceria tivesse desdobramentos, a exemplo do que tem acontecido com outros casais. Ver, por exemplo, Darci Ribeiro e Berta, cuja vida em comum se inicia com a colaboração feminina nos trabalhos que servem de suporte às

obras do marido e culmina com a individualização e projeção da mulher como autora independente, com significativa produção no campo da cultura material indígena.

Diferente foi o destino de Luíza. Atingida pela morte prematura do marido, que não lhe deixou filhos, sobrevive-lhe seis anos e, nesse tempo, dedica-se a cultuar-lhe a memória, a organizar seu acervo e preparar seus textos inéditos para edição. Morreu em 1955 e, dois anos depois, sua coleção de rendas, ampliada durante a convivência com o antropólogo seu marido, juntamente com o acervo de peças afro-brasileiras por este reunido (LODY, 1987), é adquirida pela Universidade Federal do Ceará. Assim, objetos que se empenharam em reunir durante a vida, nos quais puseram sua atenção e em torno dos quais desenvolveram trabalhos, continuam juntos a testemunhar idas e vindas de uma obra tecida entre as teias das rendas e as tramas do amor.

DO LÚDICO-ESTÉTICO AO CIENTÍFICO: ROTEIRO DE CONSTRUÇÃO DA OBRA

Do familiar ao exótico: o estranhamento metodológico

O interesse científico de Artur Ramos pelas rendas, ou pelo menos a decisão de trabalhar o tema numa perspectiva antropológica, surgiu muito tardiamente na sua vida de intelectual, quando já era autor consagrado, professor universitário no Rio de Janeiro, e após mais de dez anos de convivência com Luíza, a colecionadora de rendas. É a esta que atribui o mérito da pesquisa e a quem dá a precedência na autoria do livro, em cujo prefácio afirma:

“À minha mulher cabem inteiramente a iniciativa e as pesquisas deste trabalho. Das suas falhas de exposição e interpretação sou eu exclusivamente o responsável (RAMOS, 1948, p. 4).

A divisão do trabalho surge clara: Luíza juntou as peças com o seu gosto de colecionadora, herdado da família e sedimentado no convívio com Artur Ramos, homem de múltiplos interesses de pesquisa e cuja concepção de cultura e Antropologia era muito abrangente. Ela recolhe e organiza as rendas e as informações. Ele concebe a pesquisa, sua metodologia,

seu enfoque teórico e escreve o texto final, ao qual Luíza deve ter dado substancial contribuição. Diz Artur Ramos no esclarecedor prefácio do livro:

“Esta coleção, minha mulher vem reunindo há vários anos, e lida com todo o material da renda de bilros, artefatos utilizados nas diferentes áreas do país, e espécimes de rendas, já em número aproximado de um milhar, na sua distribuição por Estados e localidades. O mérito desta pesquisa cabe assim exclusivamente a ela. A minha contribuição consistiu, em imprimir uma diretriz antropológica a um traço de cultura, o que representa uma tentativa de tratamento científico à altura do interesse recreativo e estético do assunto (RAMOS, 1948 p. 3).

As rendas de bilro, entranhadas nas lembranças de infância de Artur Ramos, faziam parte das histórias de família de cada um dos membros do casal e, portanto, eram objetos muito conhecidos de ambos; agora são submetidas a um estranhamento metodológico, vistas não mais como objetos ajuntados com fins estéticos, mas como um traço de cultura a ser cientificamente trabalhado. Como elemento da cultura material, os pedaços de renda colocavam-se como objeto de curiosidade científica e com ela o antropólogo se debruçará sobre a coleção reunida por sua mulher, tendo como referencial teórico o culturalismo americano e como conceito fulcral a aculturação.

Ao transformar a vivência cotidiana e as lembranças de infância em objeto de pesquisa, ou, como diz Roberto da Matta (1978), ao transformar o familiar em exótico para estudá-lo, os autores adotam uma metodologia que vai muito além da aquisição de amostras de colecionador, cercando-se de técnicas que fazem parte do arsenal dos cientistas sociais:

“A sistematização do nosso trabalho veio em 1944 quando minha mulher começou a pôr em execução os métodos sugeridos, que consistiram em: a) pesquisas diretas em certas áreas brasileiras; b) emprego de questionários distribuídos pelas diferentes áreas regionais do país; c) entrevistas com rendeiras, intermediários, comerciantes de rendas, enfim, com todas aquelas pessoas que possuíssem qualquer dose de informação útil ao nosso trabalho; d) fichamento dos exemplares de rendas de bilros colhidas, com todas as características

de identificação, procedência, nomes populares de pontos e padrões, etc.” (RAMOS, 1948, p.3).

Estavam dados os parâmetros do trabalho sistemático que transformariam uma coleção iniciada com interesse recreativo e estético numa coleção etnográfica, ampliando-a com novas coletas metodologicamente orientadas numa perspectiva antropológica que visava “a compreensão de um traço de folk-cultura dos mais característicos de certas áreas do território brasileiro” (RAMOS, 1948, p.3).

Considerando que, além da observação direta e etnográfica, a pesquisa tinha uma abrangência espacial que envolvia diferentes regiões do país, a aplicação de questionários, cujo roteiro os autores anexam ao livro, se torna um expediente necessário. É com seu prestígio de antropólogo já reconhecido e de intelectual com raízes nordestinas, atuando no Rio de Janeiro desde meados da década de 30, que Artur Ramos e sua esposa acionam uma ampla rede de informantes em vários Estados, os quais se encarregam de coletas sistemáticas das amostras das rendas e de informações sobre a atividade artesanal. No levantamento dos dados, envolve-se mais de meia centena de pessoas – rendeiras, comerciantes, donas de casa, escritores e artistas – espalhadas por vários Estados do Brasil. Elas estão nomeadas no prefácio da obra na qual Artur Ramos também fala das dificuldades encontradas: questionários que não retornam, ou são preenchidos indevidamente, escassez de tempo e a quase inexistência de bibliografia brasileira sobre o tema, o que, de certo modo, contrasta com a literatura de origem estrangeira muito presente na bibliografia usada pelos autores.

O estado da arte

Uma consulta à bibliografia de *A renda de Bilro e sua Aculturação do Brasil* serve para balizar o estado da arte sobre o tema no Brasil, à época em que o casal realizou seu trabalho. Alguns artigos publicados em revistas ou constituindo-se em capítulos de livros formam o elenco de obras que, ao lado de uma Enciclopédia de Trabalhos Manuais (SCHWETTER, 1946), constituem a bibliografia brasileira sobre as rendas, tema em geral abordado de forma muito localizada.

É interessante registrar como as rendas – arte essencialmente feminina na produção e no uso – enquanto objeto de estudo tem seduzido alguns homens, resultando dessa atração trabalhos marcados por uma capacidade de observação e minuciosa descrição da apurada técnica com requintes estéticos e de muita precisão. Veja-se, por exemplo, o estudo pioneiro do alagoano Leite Oiticica, realizado a pedido de Gilberto Freyre para compor *O Livro do Nordeste* (1925). As dificuldades deste para encontrar alguém disposto a tratar do assunto são relatadas por Sylvio Rabello ao informar que a primeira reação do alagoano ao ser consultado foi de recusa, pois “aquilo era assunto de mulher” (apud OITICICA, 1967, p. 11). Vencido o preconceito, o ensaio escrito por Francisco de Paula Leite Oiticica, intitulado a *Arte da Renda no Nordeste*, resulta num primoroso estudo em que à descrição detalhada dos instrumentos, das técnicas e de algumas rendas alia considerações sobre a situação das rendeiras e interpretação sobre as funções da arte de fazer rendas entre as mulheres nordestinas.

Também no Ceará homens estudam as rendas, o mesmo acontecendo com Manuel Diegues Júnior, outro antropólogo alagoano, cujos escritos na década de 40, apontam para a dimensão econômica dessa forma de produção artesanal e suas implicações sociais. Além dos aspectos econômicos, as questões simbólicas do artesanato nordestino à época interessavam aos intelectuais, pois integravam o conjunto de bens culturais tradicionais trabalhados como distintivos da região (ALBUQUERQUE, 1996).

Na esteira da produção regionalista que a partir dos anos 30 enfatizou o Nordeste, escritores nordestinos radicados no Sudeste puseram em evidência as “rendas do Norte”. Era assunto trabalhado em revistas de grande circulação como, *O Cruzeiro*, e em jornais do Rio de Janeiro, em que, dentre outros, a escritora Raquel de Queiroz (1948) tratou do tema.

Invariavelmente, os autores chamavam atenção para a decadência da renda, ameaçada pela produção mecanizada, e para a situação das rendeiras, mulheres que produziam verdadeiras obras de arte e viviam miseravelmente. No rastro da difusão da música nordestina através dos meios de comunicação de massa, as rendeiras são cantadas e, por vezes aparecem associadas ao movimento social do cangaço (DIÉGUES JÚNIOR, 1981; DANTAS, 2003). Renovara-se o interesse pelos fazeres populares e tradicionais, e nesse particular as rendas de bilro desempenhavam lugar de destaque na construção de uma imagem do Nordeste. Enfim, o tema estava na ordem do dia. Mas não havia nenhum trabalho que tratasse especificamente do assunto de forma mais aprofundada.

O trabalho de Luíza e Artur Ramos, intitulado *A Renda de Bilro e sua Aculturação no Brasil* vem, portanto, preencher essa lacuna. Se não se constitui em estudo pioneiro do ponto de vista temático, é, sem nenhuma dúvida, o primeiro trabalho produzido sistematicamente com uma orientação teórica definida e uma perspectiva comparativa abrangente.

O marco teórico e o plano do trabalho

O estudo das rendas de bilro tem como referencial a teoria da aculturação desenvolvida no bojo do culturalismo americano a partir da segunda metade dos anos 30 do século XX, no qual Melville Herskovits, Ralph Linton e Robert Redfield são figuras exponenciais na tentativa de definir conceitos e estabelecer procedimentos de pesquisa visando à comparação de traços culturais e a verificação das permanências e mudanças de culturas em contato (HERSKOVITS, 1964, p. 340).

O método de trabalho já era familiar a Artur Ramos que o utilizara em estudos sobre o negro, particularmente no livro *As Culturas Negras do Novo Mundo* (1937), em cujo prefácio anuncia a nova orientação inspirada na Antropologia Cultural, sendo Herskovits citado como autor com quem mantinha contato (RAMOS, 1937, p. 11).

Como assinala Mariza Corrêa, é surpreendente a rapidez com que novas propostas teóricas e metodológicas originárias de centros internacionais de Ciências Sociais, são incorporadas à produção intelectual de muitas personagens da história da Antropologia nascidas no início do século XX no Norte e Nordeste do país (CORRÊA, 1982, p. 18). Este é um traço que o próprio Artur Ramos identificara na vida intelectual brasileira, ao qual denomina de “tótens estrangeiros” para indicar a veneração pela última novidade vinda da Europa ou dos Estados Unidos (RAMOS, 1942). Ao lado do tom jocoso da observação, isso mostra que ele, particularmente, estava sintonizado com o culturalismo americano, num momento em se torna mais freqüente e variada a presença, no Brasil, de antropólogos provenientes de diferentes universidades dos Estados Unidos com suas diversas orientações teóricas (CORRÊA, 1988).

Embora na bibliografia de *A Renda de Bilro e sua Aculturação no Brasil* não apareçam citados os autores americanos que elaboraram a teoria da aculturação, com a qual Artur Ramos se torna mais familiarizado em sua viagem aos Estados Unidos no início da década de 40, esta será a chave

interpretativa utilizada no estudo das rendas, como está indicado no próprio título do trabalho. A isto se soma a influência do difusionismo na busca das origens e trânsitos da renda e ligeiras referências ao funcionalismo.

O plano e o desenvolvimento da obra seguem, em linhas gerais, os mesmos adotados nos estudos sobre a cultura negra no Novo Mundo, nos quais, à base de bibliografia, o autor traça um perfil geral dos povos africanos na terra de origem e depois, à luz dos dados empíricos, estabelece comparações procurando ver os resultados dos contatos, ou seja, as permanências, as mudanças e adaptações dos traços culturais ao novo sistema sócio-cultural.

Em relação às rendas – trabalho essencialmente feminino – esse esquema geral é ampliado no sentido de recuperar o papel da mulher na história e na cultura.

Recorrendo com freqüência à literatura de base antropológica de inspiração evolucionista (Morgan, Bachofen) procuram estabelecer, desde o trabalho com fios nas sociedades primitivas, um contínuo até chegar às formas de rendas presentes na Europa na época dos fluxos populacionais que se deslocam para o Brasil trazendo consigo saberes, valores, crenças e artefatos.

A busca dos centros de origem das rendas de bilro e das rendas de agulha é uma das preocupações dos autores num intrincado e erudito passeio pela literatura européia, sobretudo francesa, incluindo-se os manuais que ensinam a fazer bordados e rendas, a indicar familiaridade com a bibliografia da época. Nessa abordagem histórica sobre as rendas na Europa ocidental (RAMOS, 1948, capítulos 2 e 3), detêm-se mais demoradamente em Portugal (cap. 4), de onde, através dos colonos, o Brasil teria recebido a tradição das rendas de bilro inventada em Veneza. A comparação dos instrumentos, das técnicas, da denominação dos pontos é invocada para mostrar a continuidade da tradição e, ao mesmo tempo, as modificações resultantes do processo de aculturação.

Ao tratar das rendas no Brasil, registram os autores a dificuldade de documentos escritos sobre o assunto, em razão do que abrem mão da tentativa de reconstituição histórica através de fontes escritas e fazem do relato oral e da observação direta os principais elementos de coleta empírica. Era a mesma forma de trabalho empregada nos estudos de reconstituição dos padrões culturais do negro no Brasil (RAMOS, 1948. p. 36).

Traçam um roteiro de distribuição geográfica das rendas no Brasil (cap. 5) enumerando os principais centros produtores nas diferentes regiões, fazendo um percurso que se inicia pelo Ceará – principal foco dessa

forma artesanal – e segue para o sul até o Rio Grande, e para o norte até a Amazônia, passando por quinze Estados.

Nessa geografia das rendas, apontam a conexão entre rendas e redes, entre rendeiras e pescadores, ao constatar que os principais focos rendíferos se localizam no litoral ou à margem dos grandes rios. Dentre estes, o São Francisco aparece como um eixo de aglomeração de rendeiras figurando com frequência na relação dos centros de produção em diferentes Estados. Em Alagoas, depois de elencar os focos da orla, canais e lagoas acrescentam:

“Outros pontos importantes estão nas margens do São Francisco, principalmente Penedo e Pão de Açúcar. Em Piranhas, Mata Grande e Quebrangulo, fazem-se também rendas de bilros, embora com menos intensidade que no litoral e nas margens das lagoas e canais “ (RAMOS, 1948, p.38).

E prosseguem, enfatizando os centros de produção de rendas do vale sanfranciscano.

“Na região leste, Sergipe e Bahia possuem focos importantes da renda de almofadas. E estas parecem se concentrar de preferência no vale do São Francisco. Propriá, defronte de Penedo, na margem do São Francisco, é um centro rendífero de certa importância, bem como Porto da Folha, ao noroeste do estado, na bacia do São Francisco (...) Na Bahia, a tradição maior é das rendas de Remanso, no alto São Francisco, a que já se referiu um de nós, em outro lugar...” (RAMOS, 1948, p. 40).²

Ao traçarem o mapa da distribuição das rendas em Minas Gerais, registram: “Uma informação aponta Januária, no alto São do Francisco como outro foco rendífero” (RAMOS, 1948, p. 41).

Não escapa aos autores o papel das migrações internas na difusão do traço cultural pelas diferentes regiões do país, pois, embora estejam preocupados com a renda, não se esquecem dos atores humanos portadores da cultura, nem da artesã que, sentada atrás da almofada, troca bilros e tece

² À época da pesquisa do casal Ramos, Sergipe e Bahia integravam o Leste. Quanto à localização de Propriá em frente a Penedo trata-se de um equívoco do autor. A cidade alagoana que fica em frente a Propriá é Porto Real de Colégio.

as rendas. Traçam-lhes ligeiro perfil sócio-econômico, apontando as dificuldades de comercialização e organização e o papel dos intermediários, fornecendo dados importantes para se pensar as questões do artesanato numa perspectiva inter-regional e não simplesmente localizada. Suas observações sobre a ação dos atacadistas do Sudeste na consolidação da hegemonia do artesanato cearense, o que termina desbancando as rendeiras alagoanas e encaminhando-as para novas modalidades de trabalhos, são de uma atualidade gritante quando programas diversos estão voltados para a produção de artesanato e nem sempre se empenham em assegurar ou abrir novos mercados consumidores duradouros.

Os capítulos 6 e 7 são dedicados à descrição etnográfica e à análise comparativa dos instrumentos de trabalho, da matéria-prima e dos pontos e padrões das rendas.

A descrição é minuciosa e precisa, e, com base nas semelhanças observadas nos apetrechos nos pontos e padrões da renda concluem pela procedência portuguesa da arte de render no Brasil.

Sobretudo na parte referente aos pontos, há grande esforço no sentido de estabelecer certa ordem nesse emaranhado de denominações nativas. Através das comparações, procuram reduzir a uma mesma categoria o que as designações êmicas tornam tão diversas. Submetem ao tratamento estatístico os pontos da renda, procurando estabelecer escalas de freqüência (RAMOS, 1948, p. 56). As longas listas de designações de pontos de rendas coletadas em diferentes estados e o esforço de estabelecer equivalências entre eles, formalmente, chegam a lembrar, ao leitor mais familiarizado com a obra de Artur Ramos, os quadros do sincretismo no campo religioso, embora conceitualmente não se trate do mesmo fenômeno.

Transitando entre os vários Estados da federação e se deslocando com freqüência à Europa, sobretudo a Portugal, França e Itália, os autores acentuam ora a universalidade de certos motivos, ora a aproximação da tradição das rendas brasileiras com as de Portugal, ora os movimentos aculturativos detectados, por exemplo, nas denominações destas:

“Os nomes populares destes padrões são os mais interessantes e pittorescos, alguns chulos ou inconvenientes, outros líricos, variando de estado a estado, e mesmo de localidade a localidade” (RAMOS, 1948, p. 57).

Mas, segundo os autores, não é a imensa variação de nomes e de formas das rendas que cria dificuldades. É antes a exigüidade de informações coletadas, ante as quais eles declaram:

“Infelizmente, não pudemos colher até o presente, maior número de nomes populares de padrões para um quadro completo da sua distribuição por estados e suas correlações. Isso nos forneceria um vasto material para o estudo comparativo das rendas de almofadas por estados, focos principais de invenção e difusão etc.” (RAMOS, 1948, p.59).

Percebe-se como os autores atribuem uma importância excessiva às denominações das rendas – elemento muito fluido e mutável – como chave para esclarecer, através da comparação, focos de origem e trânsitos culturais.

O último capítulo, significativamente intitulado o “Folclore da Renda”, foi reservado ao registro das tradições orais sobre a arte de render. Transcrevem várias ocorrências em que essa tradição é tematizada em cantigas de roda, adivinhações e outros elementos do cancionário e adagiário populares, chamando atenção para a presença da rendeira na gesta dos cangaceiros.

Na gênese desse capítulo está presente a concepção de Artur Ramos sobre Folclore. Tema muito discutido à época, em que, *pari-passu* com o processo de institucionalização da Antropologia e das Ciências Sociais de modo geral, o campo de cada disciplina vai se constituindo aos poucos num contexto de interação contrastiva com disciplinas afins (VILHENA, 1997). Para Artur Ramos, o Folclore é um ramo da Antropologia, por ele delimitado como o estudo das tradições orais, da literatura não escrita e informalmente transmitida, segundo a vertente dos antropólogos norte-americanos liderados por Boas.

É interessante registrar que, ao mesmo tempo, em que está envolvido com a escrita do ensaio sobre as rendas Artur Ramos, está elaborando teoricamente essas questões do Folclore através de ensaios que publica em revistas diversas e, mais tarde, darão origem ao *Estudos de Folclore* (1951), obra póstuma que Luíza se empenhou em ver publicada.

Nas suas conclusões, os autores reafirmam as dificuldades na busca das origens primeiras da renda, sugerindo longínquas vinculações com o Oriente através do macramé, porém fixam-se na tradição ocidental, cristalizada em Veneza por volta do século XV, para estabelecer foco de origem

da renda brasileira. A este componente europeu que nos chega através de Portugal, acrescentam a influência francesa exercida pela imitação direta de padrões, mas também, de forma mais erudita, pela via do livro, como as enciclopédias de trabalhos manuais e o adestramento das jovens mais abastadas nos colégio e conventos. É interessante registrar que não escapou ao casal Ramos esse espraiamento das técnicas entre diferentes estratos sociais e a circularidade dos saberes (BURKE, 1989). Acentuam também a necessidade da compreensão funcional, pois “a renda é um traço cultural que terá que ser estudado e compreendido no contexto geral da cultura de que faz parte” (RAMOS, 1948, p. 69). Está associada a grupos humanos que vivem em áreas atrasadas do ponto de vista econômico, com um modo de vida tradicional, cujos horizontes são limitados pelo “conservantismo e superstição” enfim, um “mundo espiritual mágico e pré-lógico”, marcado pela folk-culture, conceito cunhado por Robert Redfield (1949), referido pelos autores como o *locus* próprio da rendeira. Atentos às inevitáveis mudanças com o avanço da “civilização” da cidade nas áreas rurais, prevêem que esse traço cultural desaparecerá ou se aperfeiçoará incorporando os melhoramentos da civilização e elementos eruditos. Nesse contexto, ao governo e aos membros das associações de assistência social estaria reservada a tarefa de assegurar suporte material e o aperfeiçoamento da expressão artística; aos antropólogos e folcloristas, o estudo pormenorizado e comparativo do traço cultural, em visível retração ante o avanço da sociedade urbana.

Nesse esforço de salvar patrimônios culturais ameaçados, devido à mudança de modos de vida (LAPLANTINE, 1988), o casal cumpre sua parte documentando as rendas, registrando sua história, percurso e técnicas e recolhendo exemplares com que se forma a coleção.

A COLEÇÃO DE RENDAS DE BILRO DE LUIZA RAMOS

Formada entre fins do século XIX e a primeira metade do século XX, a coleção de rendas de Luíza Ramos foi um dos suportes e produtos na elaboração do ensaio sobre as rendas. Depois da escrita da obra ganhou autonomia, embora continue a aclarar pontos importantes da monografia.

Devido a condições muito especiais, conseguiu romper a habitual indiferença que a sociedade brasileira devota a esse tipo de objeto. Ao contrário do que se constata no Velho Mundo, onde várias instituições, em diferentes países, abrigam coleções de rendas antigas, não há no Brasil uma tradição de colecionar e expor em museus a produção das rendas de bilro. Pesquisa recen-

te registra essa característica no tratamento dado às rendas entre nós (FLEURY, 2002, p. 22). Consideradas como exemplares das artes menores ou de artesanato, as rendas de bilro são vistas, no Brasil, em geral, como aviamentos que integram o mundo das costuras e neste, esporadicamente, podem despertar o interesse de algum estilista cuja projeção pode dar-lhes uma visibilidade proporcional à sua importância, mas em geral passageira, de efeito rápido como costumam ser os eventos da moda; ou como produtos destinados ao consumo de turistas. Uma consulta a diversos *sites* da internet aponta para essa forma diferencial de encarar as rendas de bilro. Na Europa, sobressaem os museus; no Brasil, os *sites* que anunciam as vendas³.

Nesse cenário, a Coleção de Rendas de Luiza Ramos, ganha realce e se destaca pelo ineditismo de reunir e preservar peças que, no meio cultural brasileiro, não costumam ser objeto de tratamento museal.

O livro *As Rendas de Bilro e sua Aculturação no Brasil* ajudou a projetá-la e, associado ao fato de sua titular ter conseguido destacar-se junto com seu marido famoso, fez com que ela fosse preservada como uma coleção que encontra abrigo no aparato do Estado.

Na década de cinquenta, essa coleção, juntamente com parte do acervo do antropólogo já falecido, foi adquirida pela Universidade Federal do Ceará e entronizada no Museu Artur Ramos, localizado em Fortaleza, onde até hoje se encontra.

Os pedaços de renda ganharam o estatuto de peças museológicas e se tornaram objetos de tratamento especial, constituindo-se num dos repositórios da memória artesanal brasileira.

Na década de 60, a coleção foi estudada e catalogada por Valdelice Carneiro Girão. Da empreitada resultaram pequenas publicações (GIRÃO, 1963), culminando com o livro: *Renda de Bilros: Coleção Museu Artur Ramos* (GIRÃO, 1984). Além da coleção supracitada, o livro reúne a coleção de rendas do Ceará, formada nos anos 60 do século XX, como parte da pesquisa empreendida por Valdelice Girão com o objetivo de catalogar as rendas da Coleção Luiza Ramos (GIRÃO, 1984). Com base nesta publicação – monumental trabalho de catalogação das rendas de bilro, o mais abrangente que se conhece no Brasil – apresento a seguir uma visão geral da procedência e data das peças, com o objetivo de contextualizar a presença de Sergipe na Coleção Luiza Ramos.

³ Consulta realizada em julho de 2003.

A coleção Luiza Ramos reúne 1.706 amostras de rendas de bilros provenientes de quinze Estados brasileiros, alguns países europeus e da China, incluindo ainda um significativo percentual de rendas de procedência e data desconhecidas. As rendas provenientes de diferentes Estados têm representatividade numérica e datas muito variadas, não obstante a concentração da coleta ser da primeira metade do século XX, particularmente entre 1944-48, época de realização da pesquisa e escrita do livro do casal Ramos.

A obra *Renda de Bilros: Coleção Museu Artur Ramos* (GIRÃO, 1984) traz a reprodução iconográfica das rendas, apresentando-se como uma verdadeira festa para os olhos e um rico material à disposição dos pesquisadores interessados em estudos comparativos, ou de técnicos que fazem reapropriação

QUADRO I

Rendas da coleção Luíza Ramos: Procedência e datas-limites

	Estados ou países	Nº de amostras	%	Datas -limites
Rendas Brasileiras	Alagoas	262	15,3	1931-1946
	Bahia	207	12,1	1947-1950
	Ceará	409	24,0	1928-1948
	Maranhão	75	4,4	Sem data
	Paraíba	55	3,2	Sem data
	Pernambuco	28	1,6	1878-1936
	Piauí	9	0,5	1903-1938
	Rio Grande do Norte	68	4,0	1934 -1934
	Sergipe	40	2,3	1926-1947
	Minas Gerais	10	0,6	Sem data
	Santa Catarina	31	1,8	1923-1949
	Rio de Janeiro	4	0,2	Sem data
	Rio Grande do Sul	4	0,2	1946-1947
	Mato Grosso	1	0,05	Sem data
Pará	9	0,5	1950-1950	
Rendas Estrangeiras	China	08	0,5	1846-1945
	França	60	3,5	1901-1949
	Espanha	02	0,1	1922-1947
	Itália	05	0,3	1898-1945
	Portugal	08	0,5	Sem data
Procedência ignorada		411	24,0	Sem data
TOTAL		1706		

Fonte de dados: Valdelice Girão: Renda de Bilros, 1984.

dos modelos e sua re-inserção nos atuais centros de produção de renda, a exemplo do que vem ocorrendo no Ceará (FLEURY, 2002, p. 232).

A PRESENÇA DE SERGIPE

Uma rápida observação do Quadro I permite ver que a presença de Sergipe na Coleção Luíza Ramos, conforme dados do referido catálogo, não se destaca pelo número de peças, embora sejam estas mais numerosas que em muitos outros Estados do Nordeste. Vistas no conjunto da coleção, as rendas sergipanas ficam na penumbra, sombreadas pela exuberância numérica e de variedade das rendas de outros Estados, notadamente do Ceará, Alagoas e Bahia, locais onde os autores tiveram mais acesso à produção das rendeiras. É, porém, de importância fundamental por se constituir na primeira coleta sistemática conhecida de amostras de rendas no Estado de Sergipe, onde essa forma de artesanato tem vigência documental comprovada pelo menos desde o primeiro quartel do século XIX (DANTAS, 2003). Desse modo, o ensaio *As Rendas de Bilro e sua Aculturação no Brasil*, junto com o registro das imagens e as informações contidas no catálogo organizado por Girão (1984), tem para os sergipanos um significado especial. São os registros mais antigos e durante muito tempo os únicos existentes na bibliografia sobre o tema (CARVALHO NETO, 1994, p. 102), e se constituem em material para pertinentes comparações com os atuais centros de produção de rendas de bilro em Sergipe. Este tema não será trabalhado aqui, obviamente, mas é um campo aberto à pesquisa.

A sistematização das rendas sergipanas presentes na Coleção Luíza Ramos sugere algumas correlações interessantes, conforme se pode observar no quadro abaixo.

O quadro II deixa clara a existência de dois lotes de rendas com datas diferenciadas. Um reúne rendas mais antigas, datadas 1926, provenientes sobretudo de Aracaju, acrescidas de um exemplar procedente de Itabaiana, num total de 15 amostras que representam 37% das rendas de Sergipe presentes no catálogo organizado por Valdelice Girão. O segundo situa-se entre 1945/1947, com material procedente basicamente de Propriá, correspondendo a 45% das rendas coletadas em Sergipe. Um resíduo de 12,5% não tem indicação de data, mas foi recolhido nas mesmas localida-



Figura 4: Renda de Bilro produzida em Sergipe na primeira metade do século XX.

Fonte: Renda de Bilro: Coleção Museu Artur Ramos. Girão, 1984.

des: Propriá e Aracaju. Estas respondem por 95% das rendas sergipanas presentes no catálogo. Ambas cidades eram centros comerciais importantes na década de 40 do século passado. Aracaju, como capital e principal núcleo urbano de Sergipe aglutinava importantes funções e exercia forte

QUADRO II

Rendas de Sergipe na Coleção Luíza Ramos
Procedência e data

Data	Procedência	Quantidade
1926	Aracaju	14
1926	Itabaiana	01
1945	Aracaju	01
1947	Propriá	18
Sem indicação	Propriá	04
"	Aracaju	01
"	Sergipe	01

Fonte de dados: Valdelice Girão: Renda de Bilros. 1984.

atração sobre as produções interioranas; enquanto Propriá, cidade localizada à margem do São Francisco, era centro regional com destacada função comercial.

O lote de rendas de 1926, possivelmente foi integrado à coleção na década de 40, quando Luíza fazia a recolha do material, constituindo-se de rendas tecidas anos antes e guardadas pelas mulheres, muitas vezes integrando enxovais das próprias rendeiras ou das informantes.

Sabe-se, através do prefácio escrito por Artur Ramos (1948, p. 4), que em Sergipe o casal contou com a colaboração de Antônia Moreira de Andrade e Vetúria Prata Carvalho. Sobre a primeira não consegui informações. É possível que seja da parentela de Helvécio Andrade, sergipano de Propriá que teve destacada atuação na educação em Sergipe, com renovados trânsitos com o Sudeste. Quanto à segunda, é mãe do antropólogo e escritor sergipano Paulo de Carvalho Neto. Este, em 1945, foi para o Rio de Janeiro, onde deveria formar-se em Direito, mas terminou cursando Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia, onde se tornou aluno e seguidor de Artur Ramos.⁴ Fazendo uso das relações entre professor e aluno, Artur Ramos acessou como informante a veneranda senhora, certamente conhecedora das artes das rendas de bilro como muitas mulheres ricas de antigamente. Ela presenteou o casal de pesquisadores com uma almofada “*com a renda ‘assentada’, isto é, pique, fios, bilros e demais utensílios*” (RAMOS, 1948, p. 4), enviou amostras de rendas e informações sobre diferentes aspectos de sua produção, atendendo ao roteiro de questionário mandado pelos pesquisadores.

A riqueza do material enviado pelas informantes sergipanas transparece no ensaio do casal Ramos, no qual estão inscritos os primeiros registros etnográficos sobre a renda de bilro produzida em Sergipe, abaixo transcritos resumidamente.

Do mesmo modo que ocorria em outros lugares, em Sergipe a renda de bilro era também conhecida como “renda da terra” por oposição à “renda mecânica” que é chamada de “renda do reino” (RAMOS, 1948, p. 37).

A almofada das rendeiras sergipanas encaixa-se na mesma tipologia das almofadas cilíndricas comuns no Nordeste. Mas também informam:

“Existem ainda, segundo indicações colhidas de informantes sergipana e alagoana, almofadas redondas de 40 a 50 centímetros de diâmetro, e 21 centímetros de altura, e se destinam aos trabalhos de aplicações e panos. Estas almofadas sofrem um movimento de rotação no sentido horizontal à proporção que a rendeira progride no trabalho” (RAMOS, 1948, p. 46).

⁴ Paulo de Carvalho Neto conviveu com Artur Ramos durante cinco anos e foi exercer sua profissão no Paraguai. Como adido cultural, transitou por vários países latino-americanos e radicou-se nos Estados Unidos como professor universitário. Deixou numerosa e importante obra no campo da antropologia, do folclore e da ficção.

Os bilros são feitos de uma só peça, como os de Alagoas e do Ceará, mas em relação a estes, os de Sergipe apresentam características específicas.

“Há alguns de 13,5 centímetros de comprimento e a esfera do cabo chega a ter 3,5 centímetros de diâmetro, os maiores. A chanfradura circular da canela é substituída às vezes por uma saliência circular na parte média da mesma. E as esferas têm freqüentemente a forma de uma cabeçorra com uma protuberância pontuda na parte inferior”(RAMOS, 1948, p. 48).

Do “pique”, roteiro da renda, foi registrada apenas a denominação: “papelão de renda”, mas sobre a matéria-prima informam que as rendeiras locais usavam, além das linhas industrializadas, fibras de bananeira e pita (agave americana) para tecer rendas (RAMOS, 1948, p. 51). Registram que além dos alfinetes metálicos eram também usados espinhos de certas plantas, como o mandacaru, para fixar os pontos das rendas no pique (p. 52).

Muitos dos pontos enumerados em Sergipe repetem a denominação de outros Estados: *trança, cordão, coentro, melindre, pano aberto*; noutras vezes, porém, têm denominações muito específicas e localizadas: *palma, tijolinho ou sopapinho, pano batido*, para indicar pontos que recebem denominações diversas em outros lugares (RAMOS, 1948, p. 54-55).

Quanto aos padrões da renda – desenhos formados pelos pontos – registram:

“ Os informantes de Sergipe nos forneceram os seguintes padrões: *Aranha* (ponto e padrão), *Bico de côco*, *Caracol*, *C... de pinto* (ponto e padrão), *Espinha de peixe*, *França* (assim chamada porque o padrão foi copiado de renda mecânica ou ‘renda francesa’, como lá é chamada), *Jasmim*, *Mosca* (ponto e padrão), *Mosquitinho-e-boa-noite*, *Oitos* (rendas em 888 deitados), *Ólho de pombo*, *Ólho de periquito*, *Pilãozinho...*” (RAMOS, 1948, p. 58).

Ao traçarem o mapa dos centros de produção de renda em Sergipe, enfatizam a região do São Francisco, onde se destacam, como já foi dito anteriormente, Propriá e Porto da Folha, acrescentando que:

“No interior sergipano, fazem-se ainda rendas em Itabaiana, às margens do Vasa-Barris, em Estância, principalmente na praia do Saco, em Simão Dias, Irapiranga (antiga Itaporanga), e outros lugares (RAMOS, 1948, p. 40).

O estudo de Luíza e Artur Ramos é, como se vê, entremeado de informações sobre a renda de bilro produzida em Sergipe, constituindo-se numa imprescindível fonte bibliográfica sobre o fazer das mulheres renadeiras na primeira metade do século XX.

CONCLUSÃO SOBRE O INCONCLUSO

A obra “*A renda de Bilro e sua Aculturação no Brasil – nota preliminar e roteiro de pesquisa*” traz em seu subtítulo o sinal das obras às quais se pretende retornar. Esse propósito declarado pelos autores em algumas passagens do livro é reafirmado em outras circunstâncias. Em correspondência mantida com Thales de Azevedo, colega de profissão que atuava na Bahia, a quem enviara o trabalho já publicado, Artur Ramos afirma:

“Fico-lhe muito grato, eu e minha mulher, pelas generosas palavras de estímulo que nos manda a propósito de nossa pequena monografia sobre “*A Renda de Bilro*”. Infelizmente não será possível desenvolver as contribuições regionais, como a da Bahia, que vêm muito insuficientes no nosso trabalho. Isso ficará para quando obtivermos novos informes ou possamos fazer pesquisas diretas para o futuro (apud BARROS, 2000, p. 93).

A intenção de dar continuidade ao trabalho é visível também na coleta de rendas efetuada em Paris durante o pouco tempo que o casal lá viveu. As amostras de rendas francesas da Coleção Luíza Ramos são, na sua quase totalidade, datadas de 1949, portanto, coletadas após a publicação do livro. Este teve edição modesta fora do grande circuito editorial a que Artur Ramos tinha acesso,⁵ sendo publicado pela Sociedade Brasileira de Antropologia num momento de crise da entidade (Azeredo, 1986).

Não obstante o caráter preliminar que lhe atribuem seus autores, o trabalho do casal Ramos foi, durante muito tempo, no Brasil, a única obra sobre as rendas de bilro com uma abrangência geográfica que quebrava a circunscrição da região nordeste, ou não se limitava a um único Estado. Somente no final da década de 70, uma pesquisadora tomou como univer-

Canindé, Xingó, nº 3, Dezembro de 2003

so de pesquisa dos diversos tipos de rendas as diferentes regiões do país, mas pouco se alargou o conhecimento sobre a geografia das rendas de bilro especificamente (MAIA, 1979, 1981).

Outra marca importante desse trabalho é que nele os autores procuraram ir além do simplesmente etnográfico, estabelecendo comparações, procedimento por meio do qual visavam incorporar uma discussão teórica, tomando como referência os estudos de aculturação. Neste sentido, a obra do casal Ramos entra em sintonia com uma das vertentes da produção antropológica atual que prega o revigoramento da comparação.

Dessa perspectiva, “*A renda de Bilro e sua Aculturação no Brasil*”, acoplada à Coleção Luíza Ramos apresentada no livro “*Renda de Bilros: Coleção Museu Artur Ramos*”(GIRÃO, 1984), muito têm a contribuir. Como em toda boa etnografia,

“... as informações não são oferecidas apenas para esclarecer ou manter um determinado ponto de vista teórico, mas haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa (PEIRANO: 1995:56).

Aqui abre-se uma brecha para pensar a comparação tomando como referência elementos menos susceptíveis às mudanças resultantes das ações dos indivíduos, como por exemplo as denominações dos pontos e das rendas, fixando-se em modelos e sobretudo nos cartões-guias (“papelões de renda” ou “piques” na linguagem nativa). Talvez estes permitam estabelecer quadros comparativos mais gerais e desvendar a lógica inscrita nos milhares de pequenos furos que servem de roteiro às rendeiras na execução da secular renda de bilro. Esta atravessa os séculos e continua a desafiar a inteligência dos que buscam desvendar no trocar dos bilros, movimentados dois a dois, uma lógica que se anuncia binária como a dos computadores.

⁵ Artur Ramos dirigiu a Coleção de Divulgação Científica da Editora Civilização Brasileira, e tinha também acesso à Coleção Brasileira (CEN) dirigida por Fernando de Azevedo, na qual publicou três livros entre 1936-50.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife : FJN Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1996.
- ARANTES, Antônio Augusto Arantes Neto. “Pósfacio”. In MACHADO, Álvaro (coord). **Mestres Artesãos**. São Paulo: 2000.
- AZEREDO, Paulo Roberto. **Antropólogos e Pioneiros: A História da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti**. Artur Ramos e as Dinâmicas Sociais do Seu Tempo. **Maceió: EDUFAL, 2000**.
- BECKER, M. Nair**. Rendas: Manual de Tecnologia. **Rio de Janeiro, MEC, 1955**.
- BURKE, Peter**. Cultura Popular na Idade Moderna. **São Paulo: Companhia das Letras, 1989**.
- CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore Sergipano**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 2ª ed, 1994.
- CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade – A Escola de Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1982.
- CORRÊA, Mariza. “Traficantes do Excêntrico: Os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: v. 3, n. 6, p.79-98, 1988.
- DA MATTA, Roberto. “O Ofício de Etnólogo” ou Como Ter “Anthropological Blues”. In NUNES, Edson Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Capítulo 1, p.23-35.
- DANTAS, Beatriz Góis. **Rendas e Rendeiras no São Francisco**. Aracaju, 2003 (No prelo).
- DANTAS, Beatriz Góis. “Rendeiras de Poço Redondo: vida e arte de mulheres que batem bilros nos sertões do São Francisco”. **Caderno CENDOP**. Programa Xingó /CHESF/ CNPq/ SUDENE. Aracaju: v. 3, p. 1- 92, 2000.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Introdução”. In MAIA, Isa. **Artesanato Brasileiro: Rendas**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981, p.9-18.
- EDUARDO, Otávio da Costa et alli. “Artur Ramos 1903-1949”. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. 4, p. 439-459. 1950.
- FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. **Renda de Bilros, Renda da Terra, Renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult. 2002.

- GIRÃO, Valdelice Carneiro. "Rendas do Ceará." **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro, n. 6, p. 131-169, maio/agosto, 1963.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros**: Coleção Museu Artur Ramos. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1984.
- GUSMÃO, Marilu. **Artur Ramos: O homem e a obra**. Maceió: SENEC/DAC/|MEC, 1974.
- HERSKOVITS, Melville. **Antropologia Cultural**. São Paulo: Mestre Jou, 1964.
- KUMMER, Dídimo Otto. **Artur Ramos**. Significativas Passagens. Maceió: Ed. Catavento, 2003.
- LAGE, Nilson. **Delmiro Gouveia**. (col. Os Grandes Enigmas da Nossa História). Rio de Janeiro: Ed. Otto Pierre, 1981.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LODY, Raul. **Coleção Artur Ramos**. Rio de Janeiro: Funarte/INF; Fortaleza: UFCe, 1987.
- MAIA, Isa. **O Artesanato da Renda no Brasil**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 1979.
- MAIA, Isa. **Artesanato Brasileiro: Rendas**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
- OITICICA, Leite. **A Arte da Renda no Nordeste**. Prefácio e Notas de Sylvio Rabelo. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais/MEC, 1967.
- PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- QUEIROZ, Raquel de. "Renda da Terra". **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 21 de nov. 1948.
- RAMOS, Artur. **Aculturação Negra no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1942.
- RAMOS, Artur. **As Culturas Negras no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- RAMOS, Artur. **O Negro Brasileiro: Etnografia Religiosa**. São Paulo: Nacional, 1951(1934).
- RAMOS, Artur. **Estudos de Folk-lore - Definição e limites, teorias de interpretação**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- RAMOS, Luíza e Artur. **A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil**: nota preliminar e roteiro de pesquisa. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948.

- REDFIELD, Robert. **Civilização e Cultura de Folk**. São Paulo: Martins Editora, 1949.
- SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Catálogo de artesãos de Poço Redondo. **Caderno CENDOP**. Programa Xingó /CHESF/ CNPq/ SUDENE. Aracaju: v. 2, p. 1- 110, 2000.
- SAPUCAIA, Antônio (org). **Relembrando Artur Ramos**. Maceió: EDUFAL, 2003.
- SCHWETTER, Berta. **Enciclopédia de Trabalhos Manuais**. Porto Alegre: Globo, 1946.
- VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e Missão** – o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.